

Oposição reage e baixa quórum do encontro de Lula com senadores

Maria Lúcia Delgado
De Brasília

A estratégia do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para melhorar o diálogo com senadores oposicionistas e criar um clima político mais favorável no Senado à aprovação de projetos relevantes para o Executivo acabou se transformando em crise política. Repercutiu mal no PT, no PMDB, e nas cúpulas do PFL e do PSDB o jantar organizado ontem para oito senadores pefelistas e um tucano — que não integram a linha dura da oposição — na residência do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, com a presença de Lula e do ministro da Coordenação Política, Aldo Rebelo. Se o objetivo, no Palácio do Planalto, era operar para a construção de uma maioria mais sólida no Senado, a avaliação dos parlamentares é que o tiro saiu pela culatra.

Lula já tinha demonstrado a senadores e aos ministros da área política o interesse em conversar com vários grupos de parlamentares da oposição e da própria base, mas a reunião com o grupo político ligado ao senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) a menos de vinte dias das eleições municipais soou mal e foi interpretada como uma tentativa de cooptação e afronta. Parlamentares da base já haviam confirmado que há uma intenção do governo de compor com parte da oposição, inclusive com a oferta de cargos. Após se encontrar com o presidente Lula numa reunião reservada, há duas semanas, ACM tomou a iniciativa de acelerar o processo para um novo encontro.

“O ACM pressionou (pelo encontro com Lula) porque tem um objetivo de conquistar a hegemonia no PFL. Essa especulação de mudança de partido (desses oposicionistas) é historinha para inglês ver”, analisou um integrante da base.

O ministro Aldo Rebelo foi obrigado a entrar em campo ontem para evitar o acirramento dos ânimos no PFL e no PSDB. Rebelo conversou por telefone com os líderes dos dois partidos no Senado, José Agripino Maia (PFL-RN), e Arthur Virgílio (PSDB-AM). O líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), também telefonou para o ministro da Coordenação Política ontem. ACM é um dos principais articuladores da reeleição de Sarney no Senado, tese combatida pelo líder do PMDB. “Descartamos qualquer interpretação que possa considerar esse tipo de reunião uma afronta ou provocação à oposição”, afirmou Rebelo. O ministro disse que o encontro era normal, legítimo, institucional e previsível.

Tanto o jantar virou pano de fundo de mais uma crise política que pelo menos dois senadores do PFL recusaram o convite. Paulo Octávio (DF) sondou a cúpula pefelista e acabou desistindo de comparecer. O senador Romeu Tuma (SP) explicou-se aos dirigentes do PFL, negou ter sido convidado por Dirceu e avisou que não é um dissidente da sua bancada.

O presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC), preferiu aguardar os desdobramentos do encontro para manifestar-se. “Vamos ver primeiro quem foi e do que se tratou lá. Se fôr qualquer estatuto do partido, a Executiva reagirá”, disse o líder do PFL, Agripino Maia.

“É claro que esse jantar vai produzir um resultado eleitoral. Não se constrói maioria no Senado passando por cima dos partidos. Isso pegou muito mal, ainda mais porque fo-

ram convidados para o jantar senadores de oposição que normalmente já votam com o governo. O que é que o governo vai ganhar com isso?”, questionou um governista.

Participariam do jantar, além de ACM, os senadores pefelistas César Borges (BA), Rodolpho Tourinho

(BA), Roseana Sarney (MA), Edison Lobão (MA), João Ribeiro (TO), Maria do Carmo (SE) e o tucano Eduardo Siqueira Campos (TO). César Borges disputa a Prefeitura de Salvador com o petista Nelson Pellegrino, o que motivou a ira no PT.

Até o presidente do Senado, José

Sarney, que comanda o PFL do Maranhão integrante do grupo governista, fez uma ponderação, preocupado com a reação do PMDB de cujos votos depende para sua reeleição: “Acho um erro matemático, porque nenhuma maioria se pode fazer no Senado sem a bancada do PMDB”.